

Apresentação

Presentation

Este número da Entrepalavras traz 24 artigos vindos de 16 instituições diferentes. As temáticas variam dos neologismos à gramaticalização; da assexualidade no discurso a modos de funcionamento de artigos da rede LinkedIn; de projetos de letramento à plasticidade cerebral, passando por estudos de interface linguística e literatura. Esta extrema variabilidade dos temas reflete a amplitude dos estudos linguísticos e ressalta a contribuição da área para outras áreas correlatas.

LIMA, Maria Claudete *et al.*
Apresentação. **Entrepalavras**,
Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 06-12, set-
dez/2019.

O primeiro artigo veio de duas pesquisadoras da Universidade Federal de Minas Gerais. Alessandra Silva e Giulia Bossaglia, com base na Language into Act Theory (L-AcT), que considera que os enunciados apresentam uma força ilocucionária captada e realizada pela prosódia, fazem uma análise de orações completivas na fala do inglês americano, tomando como foco a relação entre sintaxe e estrutura informacional. O segundo trabalho é de autoria de Rafael Prearo-Lima, doutorando da Universidade Estadual de São Paulo e professor do Instituto

Federal de São Paulo, que analisa blends lexicais (cruzamentos vocabulares) entre a palavra *crente* e outras palavras, coletados em 35 postagens do Twitter datadas de 2009 a 2010. Ao final, o autor observa que o processo de blend é produtivo e tece considerações sobre se os blends *crentice/crentisse*, *crentelho*, *crentelhar*, *crentalha*, *crentalhada*, *crentão*, *vinho crente* devem ser considerados neologismos ou não com base nos critérios propostos pela teoria. O terceiro artigo tem por foco a LIBRAS. Neste trabalho, Thiago Steven dos Santos e André Nogueira Xavier, ambos da Universidade Federal do Paraná, estudam o processo de intensificação na produção de sinais da Libras. Os autores partem de dados coletados de 7 sinais produzidos por 12 participantes surdos, para averiguar, usando o software Elan, se a intensificação pode se alongar, além da fase expressiva, como mostraram pesquisas anteriores, outras fases da produção do sinal: a preparação e a retração.

Os quatro artigos seguintes tocam no tema da mudança e variação. No primeiro, Maria Alice Tavares, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, estuda, em perspectiva variacionista, a distribuição do conector *daí* quanto ao sexo e à idade. A

autora analisa dados extraídos de 48 entrevistas sociolinguísticas do VARSUL/Florianópolis, feitas com informantes de ambos os sexos de quatro faixas etárias, sendo a mais nova de 9 a 12 anos e a mais velha acima de 50. Os resultados sugerem mudança por difusão acelerada pelas garotas adolescentes, consideradas, nesse caso, líderes do processo. No segundo, as pesquisadoras da Universidade Estadual de Goiás, Luciana Cristina de Sousa Ribeiro e Marília Silva Vieira, também em abordagem variacionista, mas recorrendo ainda à teoria da gramaticalização, examinam a variação dos pronomes-sujeito *nós* e *a gente* em corpus escrito da Cidade de Goiás. As autoras buscam descobrir quando a forma inovadora começou a ser usada e em que gênero era mais frequente. Usando como corpus jornais e periódicos publicados na região da fundação a meados da transferência da capital para Goiânia, chegam à conclusão de que a forma *a gente* começou a ser utilizada, na escrita, ainda nos anos 1800, em contextos menos formais. O terceiro artigo aborda variação da perspectiva do ensino e veio de pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba. Aymmé Silveira Santos e Ranieri Marques de Melo investigam, apoiados na

Sociolinguística e Linguística Funcional Americana, como a Base Nacional Comum Curricular trata a variação linguística, articulada à Análise linguística/semiótica e à Oralidade, no ensino fundamental. O quarto e último artigo desse bloco é de autoria de dois pesquisadores da Universidade Estadual de São Paulo, Jacqueline dos Santos Prata e Lauro Maia Amorim. Os estudiosos avaliaram em duas traduções e uma adaptação da obra *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, se estas revelam hibridismo de normas linguísticas, ou seja, se formas mais próximas da oralidade ocorrem paralelas a estruturas mais típicas de registros formais e chegaram à conclusão de que o hibridismo está presente em todas as obras, embora em algumas de forma mais marcante. Os autores destacam como a manipulação da linguagem nessas obras permitiu aos tradutores e adaptadores “reescrever uma história escrita há séculos com a criação de três “Gullivers” diferentes”.

Ainda relacionando Linguística e Literatura, desta feita numa aproximação ainda maior e tomando por base obras de Guimarães Rosa, temos os próximos dois trabalhos. José Geraldo Marques, da Universidade Estadual do Centro

Oeste, partindo de pressupostos da Análise Dialógica do Discurso, discute o estatuto poético da novela de Guimarães Rosa, *Cara-de-Bronze* e, mostrando a impossibilidade de distinguir linguagem poética e linguagem cotidiana, propõe um esboço do que nomeia *teoria dialógica da imagem poética*. No segundo artigo, Acsa de Sales Albuquerque de Sousa e Amanda Andrade de Menezes, da Universidade Federal do Ceará, fazem análise fonostilística dos nomes dos personagens de dezessete contos do livro *Primeiras histórias*, de Guimarães Rosa na busca de apontar relação entre os fonemas que constituem os antropônimos e as características dos personagens nomeados.

Três artigos tomam por base a Análise do Discurso de linha francesa. No primeiro, Lucas Gonçalves Pereira e Célia Bassuma Fernandes, ambos da Universidade Estadual do Centro Oeste, analisam, fundamentados em Pêcheux e Orlandi, a reportagem *Assexuais: a quarta orientação sexual?*, do jornal *El País*, a fim de verificar como o discurso jornalístico significou a assexualidade. Os autores concluem que a reportagem “rompe com os pré-construídos acerca da assexualidade, pois coloca em xeque padrões e

valores já impostos sobre o sexo em nossa formação social, permitindo ao sujeito aceitá-los, questioná-los ou negá-los”. No segundo, Luciana Fernandes Nery, doutoranda da Universidade Federal da Paraíba e professora da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, e Keila Gabryelle Leal Aragão, também da Universidade Federal da Paraíba, avaliam, em quatro memes de *blogs*, os discursos contrários e favoráveis à legalização do aborto e concluem que os memes retomam discursos anteriores, tratando o tema “como uma questão política alicerçada nos discursos da saúde e da religião”. No terceiro artigo, os estudiosos da Universidade Federal de Rondônia, Rafaela Ramos da Silva Neves e Lucas Martins Gama Khalil, discutem paralelos entre a noção de pré-construído, formulada por Henry e retomada por Pêcheux, e a noção de pré-discurso de Paveau, e avaliam as possibilidades de análise de pré-discursos em enunciados coletados em manifestações de oposição ao governo de Dilma Rousseff, retirados de páginas de compartilhamento de vídeos do YouTube.

Os próximos dois artigos, ao abordar um o discurso de um anúncio de cerveja, e o outro as definições de *Gaúcho*,

China e *Prenda* em um dicionário regionalista, acabam por tocar na temática das questões de gênero. No primeiro, Marcos Alberto Xavier Barros e Michelle Soares Pinheiro, ambos da Universidade Estadual do Ceará, com base na Gramática do Design Visual, examinam os significados multimodais presentes em um anúncio publicitário de uma marca de cerveja e concluem que nele há a “reprodução do discurso masculinista que instiga uma espécie de objetivação do corpo feminino”. No segundo, Valéria de Cássia Silveira Schwuchow, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pautada, principalmente, em Pêcheux e Orlandi, investiga as definições de *Gaúcho*, *China* e *Prenda* presentes no *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*. A análise sugere uma certa ambivalência de sentidos na nomeação e designação do termo *Gaúcho*, como *habitante do Rio Grande do Sul*, e pejorativamente como *ladrão*, *mestiço*, *desregrado*. Já, nos termos referentes a mulheres, a autora constatou a necessidade de separar “aquela que nomeia uma mulher de vida fácil em oposição àquela que se assemelha a uma dádiva, símbolo da pureza”.

Adelane Brito Rodrigues
e Francisco Alves Filho,

pesquisadores da Universidade Federal do Piauí, estudam, embasados, especialmente, em Bakhtin e Swales, cinco artigos do LinkedIn, quanto a características estruturais, propósitos comunicativos e fatores estilísticos presentes nesse gênero digital. Os autores observam que os artigos publicados no LinkedIn, embora possuam características próprias de cada autor, apresentam traços comuns, tais como: a temática de desenvolvimento da carreira profissional, o uso de pronomes de primeira e segunda pessoa e o de verbos no imperativo.

Os cinco artigos seguintes abordam leitura e produção de textos no contexto escolar. No primeiro, Adriana Dalla Vecchia, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; Neiva Maria Jung, da Universidade Estadual de Maringá, e Rafael Petermann, do Instituto Federal do Paraná, objetivam identificar se há “modelos culturais” de escrita e “dimensões escondidas” na produção de artigo de opinião em contexto escolar. Para tanto, analisaram textos escritos por 18 alunos da terceira série do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio e observaram que os alunos articulam “diálogos entre o modelo cultural em que estão

inseridos [...] e o modelo cultural proposto pela escola”. Também focado na produção textual, o artigo de Roberto Barbosa Costa Filho e Milene Bazarim, ambos da Universidade Federal de Campina Grande, visa investigar até que ponto a proposta de produção de texto interfere na escrita da primeira versão dos textos pelos alunos. Para isso, analisaram uma proposta de redação e 23 textos produzidos por alunos do 9º ano de uma escola integral de Campina Grande e concluíram que a forma como a proposta é redigida pode permitir inclusive interpretações divergentes, resultando em textos que fogem à expectativa do professor.

O próximo artigo, que também aborda práticas de letramento, é de Carmem Lúcia da Cunha Rocha, da Universidade Federal do Piauí; Beatriz Gama Rodrigues, do Instituto Federal do Piauí e Célia de Freitas Araújo Neta, da Universidade Federal do Piauí. As autoras discutem os resultados de uma pesquisa-ação com alunos de 1º ano do Ensino Médio, que avaliou o uso de estratégias de leitura e compreensão textual do texto *Queridos pais*. Também apresentam resultados de pesquisa-ação na área do Letramento escolar, as autoras Francisca Vaneíse Andrade

Fernandes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e Priscila do Vale Silva Medeiros, da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. As pesquisadoras expõem resultados de duas intervenções ligadas à participação na Olimpíada de Língua Portuguesa: um projeto de letramento e uma sequência didática, ambas aplicadas a turmas de 7º ano de escolas públicas do Rio Grande do Norte. Apesar de serem propostas diferentes, apresentaram três contribuições comuns: escrita como prática social, produção de diferentes gêneros textuais e ressignificação da prática de alunos e professores.

Os três artigos seguintes, de diferentes modos, abordam política linguística. Lília dos Anjos Afonso e Socorro Cláudia Tavares de Sousa, da Universidade Federal da Paraíba, avaliam o espaço destinado à Política e Planejamento Linguístico nos Projetos Político-Pedagógicos de cursos de Letras e concluem que o tema está presente no currículo de licenciaturas em Letras em todas as regiões brasileiras, ora como disciplina, ora como conteúdo relativo à área em diferentes componentes curriculares. Ana Paula de Araujo Lopez, Ana Paula Rezende de Mello e Camila de

Souza Santos, pesquisadoras da Universidade Federal de Minas Gerais, buscam discutir os efeitos retroativos do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celp-Bras) no design de material didático do curso de Português Língua Adicional de uma universidade pública. Os resultados evidenciaram que a unidade didática analisada se baseia nos pressupostos do exame Celpe-Bras, ao tentar promover uma “aprendizagem contextualizada, situada e reflexiva”. Por fim, Michele Salles El Kadri, Telma Gimenez, Atef El Kadri, todos da Universidade Estadual de Londrina, examinam, na ótica da Análise do Discurso Crítica, diversos textos relativos ao Programa Paraná Fala Idiomas – Inglês, uma política linguística em âmbito estadual, com o fim de identificar representações do programa e da língua inglesa. Os dados evidenciam que os contextos de produção de texto e o contexto de prática “indicam alinhamento ao discurso hegemônico de que o conhecimento da língua inglesa é indispensável”.

O volume encerra com dois artigos que apresentam a Linguística em interface com outras áreas, como a fonoaudiologia e a neurologia. No penúltimo artigo desta edição,

Ediclécia Sousa de Melo, da Universidade Federal da Paraíba; Ivonaldo Leidson Barbosa de Lima, da Universidade Federal da Paraíba, e Paulo Vinícius Ávila Nóbrega, da Universidade Estadual da Paraíba, estudam a emergência do gesto de apontar em duas crianças com síndrome de Down, usando como recurso o programa ELAN-EUDICO Linguistic Annotador. Os autores observam que “o gesto de apontar emergiu com frequência no envelope linguístico multimodal das crianças, facilitando sua interação com as estagiárias, bem como na atenção conjunta e referência”. O último artigo, de Alan Ricardo Costa, da Universidade de Santa Cruz do Sul; Peterson Luiz Oliveira da Silva, do Centro Universitário Internacional, e de Rafael Tatsch Jacobsen, da Universidade de Santa Cruz do Sul, faz uma revisão de literatura sobre o conceito de plasticidade cerebral, relacionado a outros conceitos afins, como plasticidade neural, e apresenta dados do estado da arte em pesquisas de Mestrado e Doutorado, especialmente na área de Linguística Aplicada.

Ao oferecer mais este volume a público, destacamos a contribuição de dezenas de pareceristas, que devotaram seu tempo e seu saber para

avaliar, de modo voluntário e gratuito, os textos de colegas, propondo melhorias ao trabalho, apontando pontos fracos e fortes, que, mesmo em caso de rejeição, contribuem para o progresso científico, vez que um trabalho bem avaliado recusado pode ser refeito e submetido outra vez a esta ou a outra revista. Fazer ciência no Brasil está sendo cada vez mais difícil. Fazer ciência da linguagem no Brasil, em um contexto de desvalorização das ciências humanas e sociais, muito mais árduo. Divulgar ciência no Brasil, sem recursos materiais e com poucos recursos humanos, quase impossível. Sem a formação de uma rede de colaboração em que autores, hoje beneficiados por duas avaliações de colegas anônimos, retribuam amanhã, também anonimamente, aceitando avaliar um trabalho, o *quase* pode sumir e divulgar ciência de forma gratuita, ética e compromissada com a qualidade talvez se torne inviável. Boas leituras a todos e que o ano de 2020 alimente-nos a esperança que 2019 não conseguiu matar.